

# **O PENSAMENTO AMBIENTAL NO ESPECTRO POLÍTICO BRASILEIRO**

**Aluno: Pedro Vinicius Timbó de Barros**

**Orientador: Rodrigo Penna-Firme**

## **Introdução**

Temos percebido que a questão ambiental vem sendo apropriada e ressignificada por diversos grupos políticos e religiosos. Contudo, é notável que o cuidado com o meio ambiente não seja uma atribuição inerente ou exclusividade de um grupo [1]. É perceptível também, ou pelo menos temos como hipótese, que grupos que se auto identificam como parte da esquerda na política brasileira, se considerem mais proativo em termos de questões ambientais. Também nos parece que sejam, ao menos no plano discursivo, mais preocupados com questões ambientais, tais como mudanças climáticas, poluição de rios e mares, para citar apenas alguns. É provável que por motivos históricos, incluindo a derrocada do comunismo soviético e a ascensão de movimentos hippies nos EUA, tenha sido inaugurada uma ambientalização progressiva de preocupações de origem político-ideológicas. O inimigo comum do comunismo/socialismo assim como de boa parte dos setores do ambientalismo é o capital, ou melhor, o capitalismo. Alguns sugerem que nesta “virada”, o que era puramente ‘vermelho’ ficou ‘verde’ por fora e ‘vermelho’ por dentro [2]. Em outras palavras, o movimento de retomada que veio a ser denominado de nova esquerda (nos EUA), se apropriou, paulatinamente, dos discursos (eco)catastrofistas e, tomou para si a posição de proprietário das virtudes e do cuidado com o ‘bem-comum’, com a Terra-Gaia. As narrativas anticapitalistas, baseadas em assertivas de efeito retórico sobre justiça social, passaram a incorporar a autoproclamação da esquerda como legítima guardiã da natureza. O presente trabalho buscou avaliar se de fato existe relação entre posicionamento político e preocupação com temas considerados como prioritários para o desenvolvimento sustentável no Brasil.

## **Objetivo**

A presente pesquisa tem como objetivo geral compreender se posições políticas interferem no julgamento sobre questões ambientais no Brasil. Ou melhor, se existe algum tipo de associação entre ser de esquerda, centro ou direita e a percepção sobre algumas questões ambientais. A hipótese é que pessoas que se alinham à esquerda seriam mais preocupadas (ao menos declarariam isso com mais frequência) com certas questões ambientais.

## **Procedimentos metodológicos**

Com esse propósito foi criado um questionário online (via plataforma SurveyMonkey) com 27 perguntas fechadas sobre questões ambientais, sociais e econômicas. O questionário foi distribuído por meio de WhatsApp e mídias sociais durante 6 meses, entre outubro de 2018 e março de 2019. Entre todos os dados (respostas) coletados, para este estudo selecionamos apenas três perguntas cujas respostas foram comparadas com base em estatística descritiva entre os respondentes de ‘esquerda’, ‘centro’ e ‘direita’. Para realizar a divisão dos três grupos, separamos os respondentes com base nas respostas dadas à pergunta: “Do ponto de vista da política, em qual posição você mais se identifica, sabendo que na escala abaixo zero (0) é a extrema “esquerda”, 5 é posição mais de “centro” e 10 é a extrema “direta”?”. Sendo de 0 a 3, esquerda; 4 a 6, centro; e por último, de 7 a 10, direita. Essa divisão em

gradiente buscou capturar por meio da autodeclaração gradientes de sensibilidades/identidades políticas, que de outro modo não seriam capturados para análises quantitativas.

As perguntas selecionadas foram: (1) “quais as principais causas das mudanças climáticas do planeta?” e (2) qual o grau de urgência de mudanças climáticas, desmatamento e extinção de espécies. Com exceção da primeira pergunta, para a segunda (com três subpartes) oferecemos quatro possibilidades de resposta, em gradiente: (a) alta urgência, (b) média urgência, (c) baixa urgência, (d) ‘não sei’. Para fins de análise, descartamos todas as respostas ‘não sei’. Afim de indicar apenas os grupos e pessoas com posicionamentos mais extremos, separamos para comparação entre os grupos políticos apenas as respostas ‘alta urgência’. Isso permitiu a análise comparativa dos três grupos e a percepção de diferenças entre os mesmos. É importante destacar que tomamos como premissa da interpretação dos resultados, que quanto maior a frequência de respostas: ‘o ser humano é a principal causa das mudanças climáticas’ ou ‘alta urgência’ de alguma das questões ambientais, maior o grau de preocupação com sustentabilidade.

## Resultados

Quando perguntados sobre as principais causas das mudanças climáticas do planeta, fica claro, em termos percentuais, um padrão em ‘escada’ (figura 1) - quando se lê o gráfico da direita para a esquerda. Percebe-se que tanto o grupo ‘esquerda’ (em cor verde) como o grupo ‘centro’ (em vermelho) apresentam percentuais menores de pessoas que atribuem causas principalmente naturais às mudanças climáticas do que às causas igualmente naturais e humanas e às causas principalmente humanas. Por exemplo, apenas 9.8% dos entrevistados que se dizem de esquerda entendem que as mudanças climáticas sejam de ordem natural, enquanto que 37% atribui as mudanças climáticas notadamente às ações humanas. Dois resultados chamam atenção. As pessoas que se colocam como ‘centro’ estão quase que homogeneamente divididas entre atribuições das causas das mudanças climáticas.

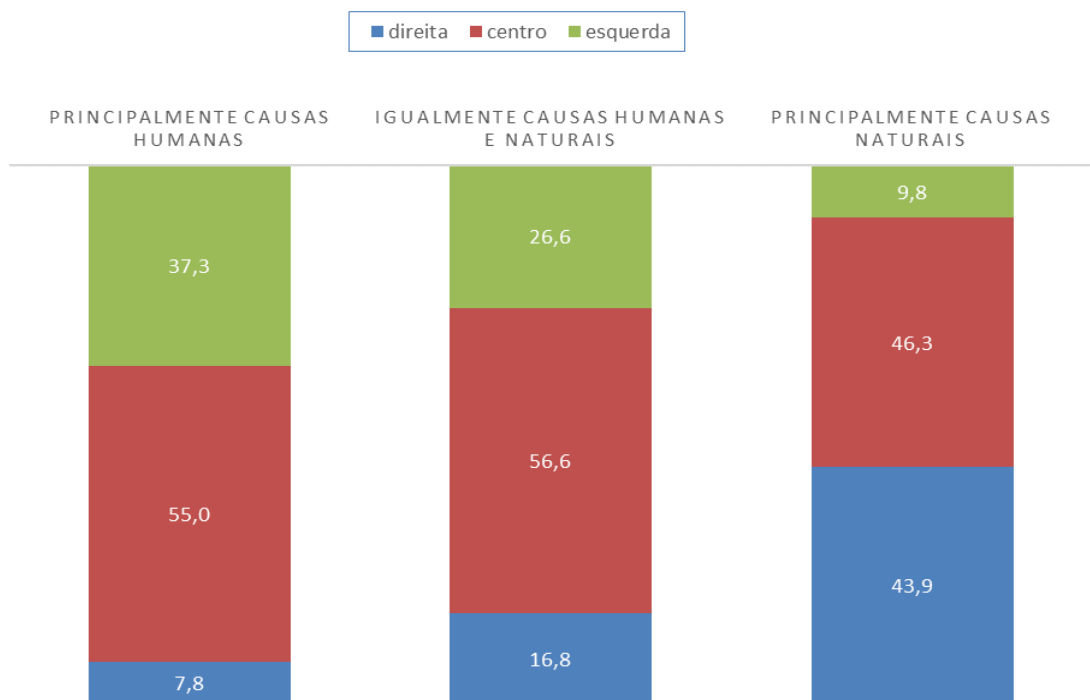


Figura 1 - Posicionamento político (direita, centro e esquerda) em relação às possíveis causas das mudanças climáticas (n = 882).

Os resultados da figura 1 estão descritos na tabela 1, acrescido dos valores do grupo que respondeu que o clima ‘não está mudando’ e os totais. Com base nestes valores, aplicamos o teste qui-quadrado ( $\chi^2$  teste, valor 74.0, 6 df,  $p < .001$ ), que indicou forte associação entre posição política e atribuição das mudanças climáticas.

<b>Causas das mudanças Climáticas</b>	<b>Centro</b>	<b>Direita</b>	<b>Esquerda</b>	<b>Total</b>
Humanas e Naturais	81 56.6 %	24 16.8 %	38 26.6 %	143 100.0 %
Humanas	352 54.7 %	50 7.8 %	242 37.6 %	644 100.0 %
Naturais	19 46.3 %	18 43.9 %	4 9.8 %	41 100.0 %
Não está mudando	3 18.8 %	6 37.5 %	7 43.8 %	16 100.0 %
Total	455 53.9 %	98 11.6 %	291 34.5 %	844 100.0 %

Tabela 1. Tabela de contingência com percentuais das respostas de cada grupos em relação às causas das mudanças climáticas.

Observando as figuras (2, 3 e 4), que sintetizam as respostas sobre o grau de importância considerado ‘alto’ para desmatamento de florestas, extinção de espécies e mudanças climáticas, é possível perceber padrão semelhante à questão anterior sobre causas das mudanças climáticas. Para todas as preocupações elencadas (desmatamento, extinção e mudanças climáticas), a maior frequência de respostas ‘alta prioridade ou urgência’ recai sobre pessoas de ‘centro’, seguida por respondentes de ‘esquerda’ e, por último, de direita.

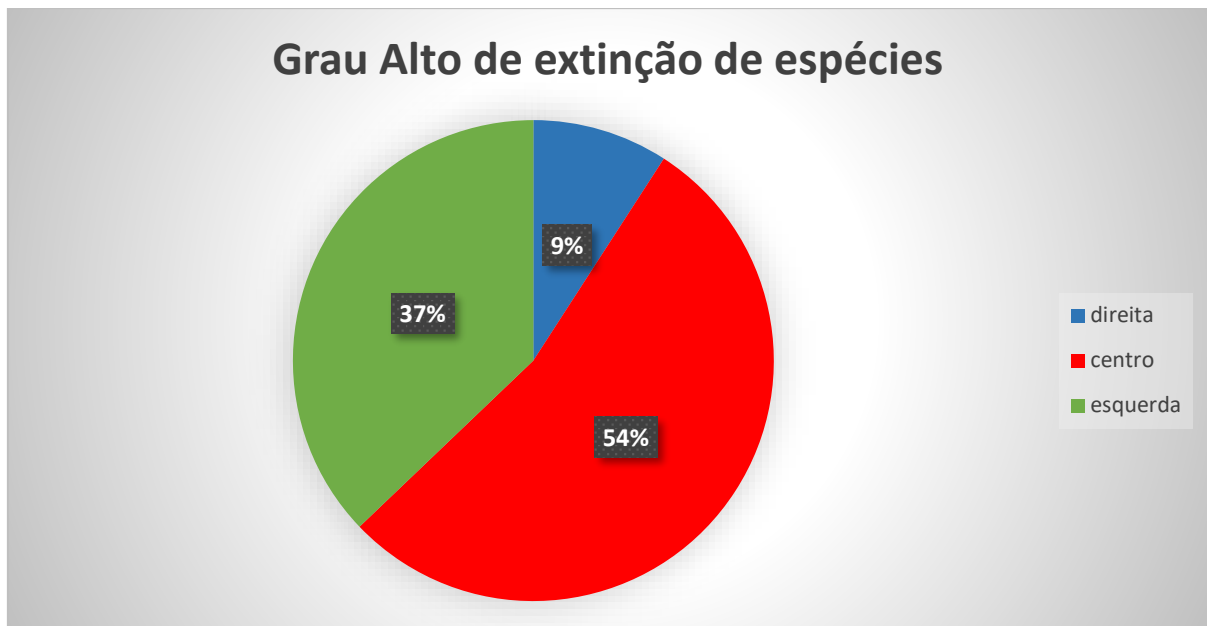


Figura 2 – Posicionamento político e alta preocupação com extinção de espécies (n = 882).

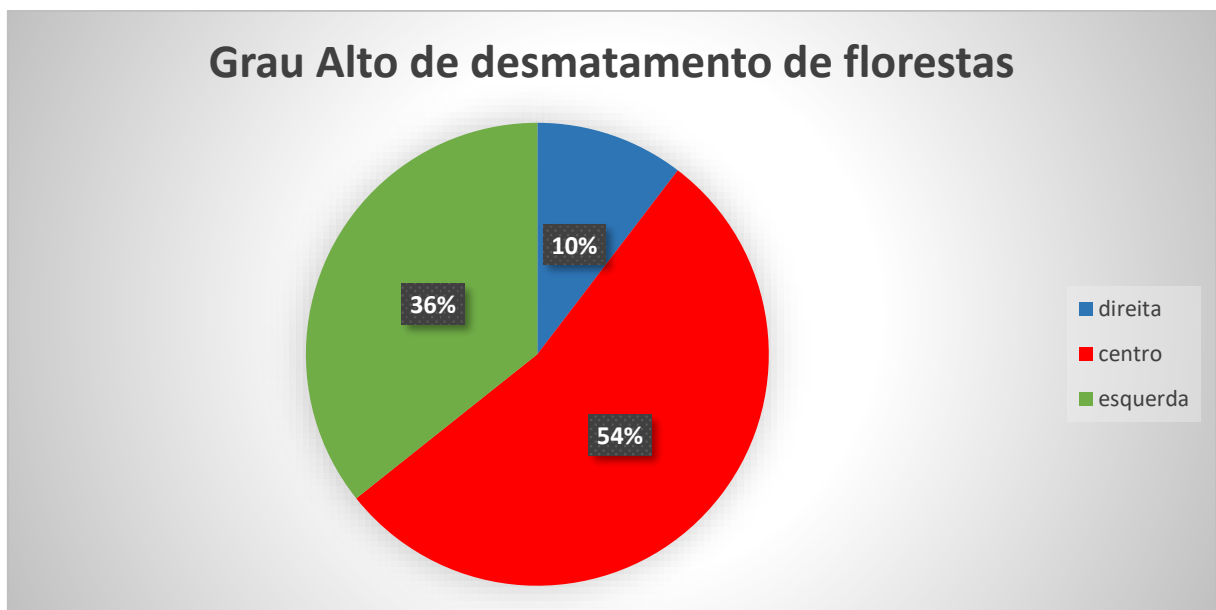


Figura 3 – Posicionamento político e alta preocupação com desmatamento de florestas (n = 882).

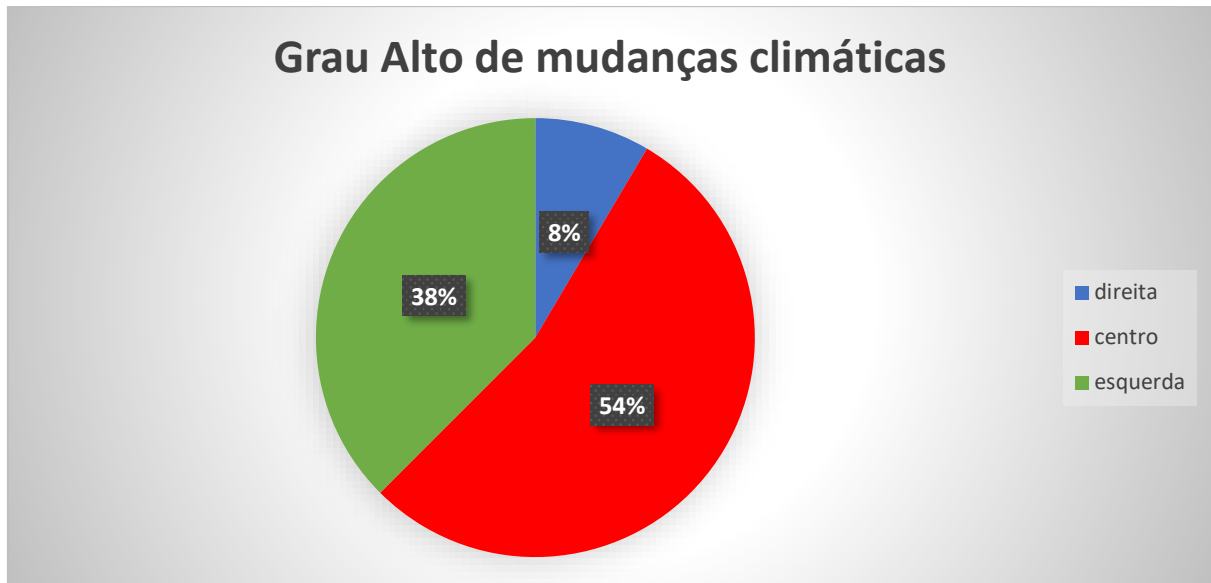


Figura 4 – Posicionamento político e alta preocupação com mudanças climáticas (n = 882).

Em conjunto, resta pouca dúvida de que existem diferenças significativas entre as respostas dos três grupos ('esquerda', 'centro' e 'direita') para as duas perguntas e suas subdivisões. No entanto, a hipótese central de que 'pessoas de esquerda' forneceriam respostas consideradas mais 'pró-ambiente' não se sustenta. É notável que em todos os casos, o maior percentual de pessoas que se dizem altamente preocupadas com questões ambientais que consideram urgentes seja de 'centro'. Muitas interpretações são possíveis face aos achados acima.

Entretanto, boa parte delas seria sobremaneira especulativa, tendo em vista que carecemos de outros resultados e análises mais cautelosas das nuances dessas relações complexas. Por exemplo, seria necessário estabelecer conceitualmente, com mais clareza, quais seriam as fronteiras entre os três grupos políticos em questão. É possível, no contexto brasileiro, de extrema e crescente polarização política, que mesmo em uma pesquisa onde os sujeitos não são identificados e respondem de forma voluntária, que as pessoas evitem estigmatizações e associações ao se associarem 'publicamente' (no imaginário inconsciente) em algum lado extremo do debate. Isso também evitaria sua autossugestão e identidade com figuras públicas (políticos) com posicionamentos mais extremos para a esquerda ou para a direita.

Em outras palavras, se assumir de 'centro' neste contexto, não necessariamente sinaliza que as pessoas que fazem essa escolha tenham abandonado valores, crenças e posicionamentos político-ideológicos mais à esquerda (por exemplo, mais controle estatal ou mais 'socialismo utópico'), ou mais à direita (por exemplo, mais livre mercado, menos aparelhamento estatal). Isto vale para as ideias sobre desenvolvimento e natureza, o papel e lugar do ser humano e assim por diante. Outros fatores (ou variáveis) embutidas e não reveladas nestas análises iniciais, que podem confundir os resultados, é por exemplo a distribuição de homens e mulheres, jovens e adultos e crenças (religiões e espiritualidades). Em outras palavras, é possível que havendo predomínio de algum conjunto de valores mais associado ao fato de ser jovem, ser ateu, e assim por diante, pese sobre as escolhas político-ideológicas e molde, ao menos em parte, as perspectivas sobre preeminência de temas ambientais.

## **Conclusão**

Essa análise surge como uma importante ferramenta para compreender a relação do homem com a natureza e como se influenciam simultaneamente. Assim, embora a vertente política não seja a única influenciadora na forma de ser e pensar sobre a natureza, ela nos ajudar a entender um pouco mais sobre a diversidade de pontos de vista e formas do saber espalhados pelo vasto território brasileiro. O trabalho ainda se encontra em estágio inicial devido a falta de pesquisas relacionadas sobre o assunto, mas ainda existe muito a ser mais bem estudado se pensar que estamos apenas arranhando o que pode ainda se tornar algo de extremo potencial. Muitas outras análises ainda precisam ser conduzidas para que possamos mapear com mais precisão o pensamento ambiental brasileiro através do espectro político-ideológico. Mas o primeiro passo foi dado com este trabalho.

## **Referências Bibliográficas**

- 1 - WEXLER, J. When God isn't green. A world-wide journey to places where religious practice and environmentalism collide. Beacon Press: Boston, Massachusetts, 2016.
- 2 - DELINGPOLE, J. Os melancias: Como os ambientalistas estão matando o planeta, destruindo a economia e roubando o future de vossos filhos. TOPBOOKS: Rio de Janeiro, 2012.